

# Pesquisas

## A ATUAÇÃO DA ENFERMEIRA OBSTÉTRICA NA ASSISTÊNCIA AO PARTO

THINKING OVER THE OBSTETRIC NURSE'S PERFORMANCE IN ASSISTING "DELIVERY"

REPENSANDO LA ACTUACIÓN DE LA ENFERMERA OBSTÉTRICA EN LA ATENCIÓN AL PARTO

Carla Merighi \*

Miriam Aparecida Barbosa Merighi \*\*

### RESUMO

Este estudo, de caráter exploratório, objetivou verificar a atuação das enfermeiras obstétricas no que se refere à assistência ao parto e analisar sua percepção ante a profissão. Foram entrevistadas 39 enfermeiras que atuavam no centro obstétrico de maternidades da cidade de São Paulo sendo que destas, 51,2% responderam realizar o parto esporadicamente, 46,3% como rotina e 7,7% mencionaram insatisfação quanto à profissão. Estes resultados permitem repensar sobre melhores condições de trabalho e sobre investimento na formação a fim de que possamos resgatar o parto com um acontecimento fisiológico e humanizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enfermagem Obstétrica; Parto – Enfermagem; Satisfação no Emprego

**E**ntre os profissionais da área de saúde, com formação e preparo técnico-científico para prestar assistência à mulher no ciclo gravídico-puerperal encontra-se a enfermeira obstétrica.

O interesse em melhor conhecer a especialidade – Enfermagem Obstétrica – partiu de uma das autoras deste texto que, enquanto era aluna do último semestre do curso de graduação em Enfermagem, presenciava, nas maternidades onde exercia atividades teórico-práticas relacionadas à disciplina Enfermagem na Saúde da Mulher, a não atuação da enfermeira na assistência ao parto e percebia que muitas enfermeiras obstétricas não conseguiram exercer, na área específica, atividades de gerenciamento e supervisão, entre outras. Com o intuito de realizar o curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica, após a conclusão do curso de graduação em Enfermagem e pensando em exercer atividades na assistência à mulher, acompanhando-a na admissão, trabalho de parto e principalmente no parto procurou-se na literatura assuntos que se referiam a esta questão.

Até a década de 80 as enfermeiras obstétricas, na rede privada, participavam da assistência à parturiente, inclusive no

atendimento ao parto. Nos últimos anos, a inserção dessa profissional no mercado de trabalho tem sofrido restrições, principalmente quanto à realização do parto<sup>(1)</sup>.

Na Europa a gestação é vista como um processo natural em que a falta de tecnologia e a alta intervenção distorcem a experiência humana de gestação e parto, expondo a mulher a muitos procedimentos médicos desnecessários, invasivos e potencialmente perigosos. Países como a Holanda e a Inglaterra, que detêm excelentes resultados maternos perinatais, adotam essa abordagem. Os defensores da gestação como um processo natural, consideram que o cuidado em saúde poderia ser melhorado se o sistema considerasse a gestação e o parto como processos naturais e não, como é considerado atualmente, uma doença<sup>(1)</sup>.

As discussões organizadas pela Secretaria do Estado de Saúde de São Paulo, relacionadas ao índice de cesáreas e à qualidade de atenção ao nascimento e parto, têm ressaltado a necessidade da participação de profissionais não-médicos no atendimento à gestante e parturiente, inclusive na realização do parto<sup>(2,1,3,4)</sup>.

Acredita-se que a diminuição das taxas de cesárea depende da reorganização da assistência obstétrica, de forma que as enfermeiras obstétricas possam realizar os partos

\* Enfermeira; Ex-aluna do curso de graduação em enfermagem do Centro Universitário São Camilo

\*\* Enfermeira; Doutora em Enfermagem. Professor livre-docente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Endereço para correspondência:

Escola de Enfermagem da USP

Av. Dr. Enéias Carvalho de Aguiar, nº 419

05403-000 - São Paulo - SP

normais, cabendo aos médicos resolver os partos em que a intervenção cirúrgica faz-se de fato necessária.

Por outro lado, a formação dos profissionais enfermeiros vem ocorrendo de forma descontínua e decrescente em função da ausência de uma política nacional de recursos humanos que possibilite a capacitação e atuação da enfermeira obstétrica<sup>(2)</sup>.

A formação profissional da enfermeira obstétrica, em nível de pós-graduação, tem recebido críticas de setores interessados na reintrodução dessa profissional na assistência ao parto. Uma das desvantagens do modelo é o tempo dedicado ao ensino específico da obstetrícia, entre seis a dez meses, tempo considerado insuficiente para habilitar o aluno para a prática de atenção ao parto<sup>(1)</sup>.

Um estudo sobre a formação da enfermeira obstétrica no Estado de São Paulo, realizado há doze anos, atrás constatou que a formação profissional, de modo geral, é insatisfatória, não atende às expectativas das egressas e às aspirações das profissionais<sup>(5)</sup>.

A necessidade de formação de enfermeiras obstétricas está fortemente embasada nas prioridades do Ministério da Saúde e expressa no Plano de Ação para a Redução da Mortalidade Materna, de 1995, que prevê, entre outras ações, estímulos à implantação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), proposto em 1984, e à formação de enfermeiras obstétricas<sup>(4)</sup>. Apesar de haver prerrogativa legal para tal atuação, conforme a Lei do Exercício Profissional nº 7498/86, regulamentada através do Decreto-Lei nº 94406/87 e das atuais Portarias do Ministério da Saúde que institucionalizam o procedimento da realização do parto normal, tal fato esbarra na institucionalização da função médica, segundo o qual o profissional incumbido de assistir o parto é o médico<sup>(6)</sup>.

Com a finalidade de humanizar a assistência ao parto, diminuir o índice de cesárea no Brasil e assim reduzir o índice de morbimortalidade materna e perinatal, deve-se estimular a formação de enfermeiras obstétricas e a atuação dessas profissionais na área da saúde para a qual foram preparadas.

Em maio de 1998, o Ministro da Saúde rompeu com o sistema hegemônico e assinou a Portaria nº 2815 de 295/98, que considera a importância da realização do trabalho de parto e do parto pelas enfermeiras obstétricas<sup>(7)</sup>.

Atualmente a mídia está valorizando a profissional enfermeira obstétrica. Existem vários movimentos com a finalidade de resgatar o parto como um acontecimento fisiológico, humanizado e com qualidade. Esses movimentos estão sendo gerados pela necessidade de diminuir as taxas de cesáreas, mortes maternas e perinatais e pela constatação do baixo número de partos normais acompanhados por enfermeiras obstétricas e obstetristas.

Uma pesquisa realizada sobre os diversos programas brasileiros de saúde materno-infantil e as propostas que eles mencionam em relação às atividades e ao desempenho das enfermeiras obstétricas diz que as enfermeiras que atuam na área de enfermagem obstétrica são insuficientes em número e em qualidade. Algumas detêm habilitação específica e outras atuam em desvio de função<sup>(8)</sup>.

No I Seminário Estadual sobre o Ensino de Enfermagem para a Assistência ao Nascimento e Parto, que foi realizado em outubro de 1998 na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto e promovido pela ABENFO, seção São Paulo as enfermeiras obstétricas nas discussões destacavam a importância de: "reiterar a competência técnica e legal da enfermeira para prestar assistência ao nascimento e parto em hospitais, casa de parto e domicílio" e "defender e estimular propostas de criação e manutenção de casas de parto, visando a qualidade da assistência à saúde da mulher, a humanização do parto e a implantação de um modelo assistencial fundamentado na integração docente assistencial e educação continuada, viabilizando campos de estágio e trabalho para enfermeiras obstétricas".

Em face dessas considerações, realizamos este estudo que teve como objetivos:

- Verificar a realidade das enfermeiras obstétricas que atuam na assistência ao parto.
- Analisar a percepção que a enfermeira obstétrica tem da profissão.

### Material e Método

Este estudo foi realizado com enfermeiras obstétricas que atuavam no centro obstétrico de maternidades da cidade de São Paulo. Foram averiguadas 30 (100%) maternidades existentes na lista da Secretaria de Estado da Saúde da cidade de São Paulo. Fizemos contato telefônico com 15 maternidades (50%) com a finalidade de averiguar se no quadro de funcionários havia enfermeiras obstétricas atuando no centro obstétrico e se poderíamos realizar nossa investigação. Não conseguimos comunicação com as demais maternidades, talvez devido à alteração do número do telefone. Das 15 maternidades com as quais fizemos contato, apenas 8 (26,6%) permitiram a realização da pesquisa; destas, 4 maternidades são privadas, 3 são públicas e 1 é filantrópica. As demais alegaram não ter enfermeiras obstétricas atuando no centro obstétrico.

Enviamos o projeto de pesquisa e uma carta de autorização feita pela faculdade, e entregamos para a diretoria de enfermagem destas maternidades, sendo que as 8 instituições aceitaram de imediato a realização do estudo. Os questionários foram entregues, de acordo com o número de enfermeiras obstétricas destas maternidades. Desta forma

entregamos 45 questionários, sendo que 39 foram devolvidos, constituindo a amostra do estudo.

A coleta de dados foi realizada durante quatro meses (julho a outubro de 1999), período que foi considerado necessário para a entrega dos questionários respondidos.

Devido à dificuldade de acesso à população e pensando na possibilidade de cada informante expressar-se por escrito, sem interferência do pesquisador, optou-se pela utilização do questionário (Anexo 1) que constou de 15 perguntas. As questões foram dirigidas ao objetivo do estudo e divididas em três partes: I. Dados de identificação; II. Atuação na assistência ao parto; III. Percepção da enfermeira obstétrica quanto à profissão.

Com a finalidade de averiguar se o instrumento de coleta de dados apresentava-se coerente com os objetivos do estudo, realizamos um pré-teste com 5 enfermeiras obstétricas de uma maternidade que não fizeram parte da amostra. Após a realização do mesmo, constatamos a pertinência do instrumento.

Antes de entregarmos o questionário para as enfermeiras obstétricas, solicitamos seu consentimento para a realização do mesmo, explicando a finalidade da pesquisa.

Dessa forma, além do questionário, houve anexa uma carta explicativa, na qual pedimos a colaboração e garantimos o sigilo e o anonimato dos questionários respondidos e o termo de consentimento e esclarecimento para participação da pesquisa (Anexos 2 e 3).

## Resultados e Discussão

A amostra do estudo constituiu-se, na grande maioria, por enfermeiras obstétricas (82,0%) sendo que apenas 18,0% eram obstetristas. A maioria pertencia ao sexo feminino (92,3%), enquanto o sexo masculino representou apenas 7,7%.

As características gerais das enfermeiras obstétricas que fizeram parte deste estudo podem ser constatadas por meio da tabela a seguir:

Por meio dessa tabela podemos verificar que a maioria dos respondentes deste estudo constituiu-se de profissionais adultos jovens (24 a 35 anos) e com pouco tempo de vivência na área de enfermagem obstétrica 71,7% (1 a 6 anos de formação), sendo que somente 25,7% tinham de 14 a 28 anos de formação.

No entanto, 10 (25,7%) das enfermeiras obstétricas atuavam na área entre 14 e 28 anos e 1 enfermeira obstétrica entre 7 e 13 anos. Portanto 11 enfermeiras obstétricas (28,3%) tinham um longo tempo de trabalho na área de sua especialidade, apesar de todas as dificuldades apontadas para a permanência dos trabalhadores de enfermagem nessa área, em função da desvalorização deste profissional nos últimos anos e da gradativa ocupação no campo da assistência ao

parto por médicos. Neste sentido há muitas enfermeiras obstétricas extremamente frustradas por não conseguirem atuar na especialidade, sendo absorvidas pelo mercado de trabalho para exercerem atividades de gerenciamento, supervisão entre outras<sup>(1)</sup>.

**Tabela 1** - Distribuição de características de enfermeiras obstétricas do estudo. São Paulo, 1999.

Características Gerais	Número	Porcentagem (%)
<b>Idade (anos)</b>		
24-29	13	33,4
30-35	10	25,6
36-41	06	15,4
42-47	06	15,4
48-53	04	10,2
<b>Tempo de formação (em anos)</b>		
1-6	28	71,7
7-13	01	2,6
14-20	06	15,4
21-28	04	10,3
<b>Curso de Pós-Graduação</b>		
Especialização	19	48,7
Mestrado	05	12,9
Mestrado e Doutorado	01	2,5
Não realizaram o curso	14	35,9
<b>Tipo de Instituição</b>		
Privada	15	38,4
Pública	10	25,6
Filantrópica	05	12,8
Pública/Privada	05	12,8
Privada/Filantrópica	02	5,3
Pública/ Filantrópica	01	2,6
Não respondeu	01	2,6
<b>Tempo de atuação (em anos) No Centro Obstétrico</b>		
Menos de 1 ano	04	10,3
2-6	21	53,8
7-10	04	10,2
11-14	02	5,2
15-18	03	7,6
19-22	02	5,2
23-26	01	2,5
Não respondeu	02	5,2

Constatamos também que a grande maioria, 33 (84,6%) das enfermeiras obstétricas concluiu o curso entre 1981 e 1999 e que das enfermeiras obstétricas que realizam o parto, rotineiramente, a maioria, surpreendentemente, 57,8% concluiu o curso na década de 90, pois, conforme vários autores comentam, depois da década de 80 a perda do espaço da enfermeira obstétrica para o modelo intervencionalmente medicalizado afastou-a da assistência ao parto<sup>(2,1,4)</sup>.

No que se refere aos cursos de pós-graduação, 48,7% das enfermeiras fizeram especialização em enfermagem obstétrica (pós-graduação *sensu lato*), 12,9% cursaram o mestrado e apenas 2,5% o mestrado e doutorado.

Considerando o investimento feito para a continuidade da formação profissional, somente 15,5% dos cursos ressaltados referem-se à pós-graduação *sensu strictu*. Numa análise geral, os dados permitem dizer que os profissionais deste estudo não tinham perfil que valoriza a continuidade da própria educação e não visam um melhor desempenho profissional.

Em estudo sobre o Seguimento dos Enfermeiros Egressos dos Cursos de Especialização de Enfermagem em Cuidados Intensivos, os autores verificaram que 81,6% realizaram outros cursos após a especialização em UTI (Unidade de Terapia Intensiva); destes, 20,9% referem-se ao mestrado e doutorado. Dessa forma, pode-se considerar profissionais investiram na continuidade da formação profissional<sup>(9)</sup>, fato que não foi constatado no presente estudo.

Das 39 enfermeiras do estudo, 15 (38,4%) pertenciam a instituições privadas, 10 (25,6) a instituições públicas e 5 (12,8%) a instituições filantrópicas. Vale destacar que 20,7% das enfermeiras disseram atuar em dois tipos de instituições, portanto tinham dois empregos.

Observa-se, ainda, por meio desta tabela que a maioria, 53,8%, tinha de 7 a 10 anos de atuação no centro obstétrico e que 15,3% atuavam entre 15 a 26 anos.

A tabela a seguir mostra a distribuição do número de atividades que as enfermeiras obstétricas realizam.

**Tabela 2** - Distribuição das enfermeiras segundo as atividades no centro obstétrico. São Paulo, 1999.

Atividades	N	%
Todas	08	20,5
Assistência no pré-parto	08	20,5
Assistência no pré-parto e parto	07	18,0
Assistência no pré-parto, assistência no nascimento e parto	05	12,8
Todas menos a burocrático-administrativa	04	10,3
Somente atividade burocrático-administrativa	02	05,2
Assistência no pré-parto, recepção do recém-nascido e parto.	02	05,2
Atividade burocrática, assistência no pré-parto e parto	01	02,5
Recepção do recém nascido e parto	01	02,5
Somente a realização do parto	01	02,5
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>	<b>100,0</b>

No que se refere à atuação da população estudada no centro obstétrico, foram encontradas enfermeiras obstétricas que, além de realizarem o parto, assistiam as parturientes, recepcionavam o recém-nascido e exerciam atividades burocrático-administrativas; somente 1 (2,5%) enfermeira obstétrica deste estudo atuava apenas na realização do parto. Chama a atenção nestes dados encontrados, a sobrecarga de atividades que podem gerar descontentamento em relação à profissão. Neste sentido, é importante citar um estudo sobre os enfermeiros que deixaram de exercer a enfermagem, no qual a

população estudada destaca a sobrecarga de serviço como um fator que contribuiu para a evasão profissional<sup>(10)</sup>.

Quanto à realização dos partos pelas enfermeiras obstétricas, os dados mostraram que a maioria (51,2%) realiza o parto esporadicamente (na ausência do médico ou no período expulsivo), sendo que 46,3% das enfermeiras realizavam o parto rotineiramente, fato este extremamente positivo dadas as dificuldades encontradas pelas enfermeiras obstétricas quanto à realização do parto apontadas em vários estudos <sup>(1,2,3)</sup>. No entanto, uma enfermeira do estudo, 2,5%, respondeu nunca ter feito parto (fazia várias atividades relacionadas à assistência burocrático-administrativa, menos o parto). Verificamos, também, em relação a esta questão que 21,1 % das enfermeiras que realizavam o parto como rotina trabalhavam em instituição pública e coincidentemente também 21,1 % em instituição privada e 21,1 % em instituição filantrópica, sendo que as demais (36,7%) trabalhavam em duas instituições (pública e privada, pública e filantrópica, privada e filantrópica) o que dificultou a análise dos dados. Contudo, faz-se necessário ressaltar que 36,7% das enfermeiras tinham dois empregos, provavelmente devido à baixa remuneração, sendo esta também mais um fator que contribui para insatisfação profissional. Os dados mostraram que das enfermeiras obstétricas que realizavam o parto como rotina a maioria, (57,9%) realizava de 30 a 50 partos por mês e somente 5,2% realizavam mais de 200 partos por mês. No entanto, a enfermeira obstétrica não exerce outras funções a não ser a realização dos partos normais sendo que as demais enfermeiras realizavam o parto e outras atividades no centro obstétrico.

Quanto à percepção da profissão, a grande maioria das enfermeiras obstétricas (92,3%), respondeu estar satisfeita, alegou que gosta do que faz, tem autonomia profissional e que ser enfermeira obstétrica é gratificante, pois essa profissional cuida de pessoas que não estão doentes, pelo contrário estão alegres envolvidas com o nascimento e o parto. As enfermeiras obstétricas que não estão satisfeitas com a profissão (7,7%) alegaram que a enfermeira obstétrica não tem autonomia profissional, tem baixa remuneração, sobrecarga de serviço, não é reconhecida profissionalmente, tem suas atividades, muitas vezes, definidas em função da comodidade do obstetra e que a enfermeira obstétrica deveria atuar mais na sala de parto.

A maioria das enfermeiras obstétricas (69,3%) percebe que atualmente a enfermeira obstétrica no mercado de trabalho vem conquistando espaço, em valorização, com maior atuação e maior oferta de trabalho, enquanto 30,7% percebem este profissional perdendo espaço, sendo desvalorizado, tendo falta de autonomia, falta de preparo profissional, baixa remuneração e com dificuldade na assistência ao parto.

A falta de uma política nacional de recursos humanos que favoreça a capacitação e atuação do enfermeiro obstetra concorre para a diminuição da oferta desse profissional no mercado de trabalho. Existem enfermeiros obstetras atuando em outras áreas pela ausência de uma política nacional de recursos humanos para este profissional<sup>(2)</sup>.

### Considerações Finais

Julgamos ser importante destacar novamente os principais resultados já apontados na análise dos dados:

- a maioria das enfermeiras obstétricas (51,2%) realizava o parto esporadicamente e 46,3% como rotina, sendo que apenas 1 (2,5%) nunca fazia parto.
- a grande maioria (92,3%) afirmou estar satisfeita atuando na área alegando que gosta do que faz, tem autonomia profissional, sente-se gratificada, enquanto apenas 3 disseram que estão insatisfeitas porque a enfermeira obstétrica deveria atuar mais em sala de parto, não têm autonomia profissional, não é reconhecida profissionalmente e não tem preparo profissional.
- a percepção das enfermeiras obstétricas que participaram desta pesquisa em relação ao mercado de trabalho apareceu focalizada em aspectos positivos (69,3%) e em aspectos negativos (30,7%). Os aspectos positivos dizem respeito a maior oferta de trabalho, conquistando espaço, maior incentivo do Ministério e maior valorização profissional. Os aspectos negativos salientam que ainda há falta de autonomia, baixa remuneração, dificuldade de acesso ao parto, desvalorização profissional e que a enfermeira obstétrica está perdendo espaço.

Como já foi mencionado, a grande maioria 36 (92,3%) das enfermeiras obstétricas mostrou-se satisfeita com a profissão, contudo é importante destacar novamente os motivos ressaltados pelas enfermeiras que responderam estar insatisfeitas, sendo que um deles é a da remuneração, incompatível com as responsabilidades que assumem e com a sobrecarga de serviço. Outras questões presentes foram as relacionadas à desvalorização profissional, a falta de autonomia na atuação e a não atuação na assistência ao parto.

Apesar de a amostra desta investigação não poder ser considerada representativa e os resultados não poderem ser generalizados, é fato bastante animador constatar que neste estudo a maioria das enfermeiras obstétricas inseriu-se no mercado de trabalho depois da década de 80, pois foi a partir dessa década que a inserção deste profissional sofreu restrições principalmente quanto à realização do parto rotineiramente.

Como já citado na introdução deste estudo, até a década de 80 as enfermeiras obstétricas, na rede privada, participavam da assistência ao parto<sup>(1)</sup>. No presente estudo verificamos que a realidade desses profissionais em instituições públicas,

privadas e filantrópicas quanto à atuação no parto coincidiu. Acreditamos que a amostra deste estudo não foi suficiente para responder a esta questão e que novas pesquisas, abordando esta temática, deverão ser realizadas. Ainda estamos inquietas quanto a esta situação pois o presente estudo mostrou que uma grande parte das enfermeiras obstétricas ainda não faz parto rotineiramente.

Em síntese, pode-se dizer que os resultados deste estudo fornecem subsídios para se refletir sobre a atuação das enfermeiras obstétricas, permitem repensar as melhores condições de trabalho por meio de distribuição adequada de horas de trabalho, políticas de recursos humanos, autonomia de atuação, possibilidade de crescimento dentro da instituição, oportunidade para realização de cursos de atualização. Os hospitais devem incentivar, permitir e favorecer a participação destes profissionais em eventos científicos, cursos, realização de pesquisas e publicação de trabalhos em revistas.

Por causa do incentivo da mídia na valorização das enfermeiras obstétricas e dos vários movimentos com finalidade de resgatar o parto como um acontecimento fisiológico, acreditamos que é necessário investir na formação dessas profissionais, capacitá-las adequadamente para o atendimento ao nascimento e parto humanizado, a fim de que este recupere sua natureza com qualidade e dignidade tornando-se assim um evento gratificante tanto para as mulheres e seus familiares como para os profissionais da saúde.

### ABSTRACT

*This exploratory study examined the work of obstetric nurses in delivery and analyzed their understanding of their profession. Thirty-nine nurses who worked in obstetric centers of maternity wards in the city of São Paulo were interviewed. Of these, 51,2% said they did deliveries sporadically, 46,3% routinely and 7,7% said they were dissatisfied with their profession. These results make it possible to discuss better working conditions and the investment in training so that we can recover delivery as a physiological and humanized event.*

**Key-Words:** *Obstetric nursing; Delivery nursing; Job satisfaction*

### Resumen

*Este estudio, de carácter exploratorio, tuvo como objeto observar la actuación de las enfermeras obstétricas en la atención al parto y analizar su percepción ante la profesión. Se entrevistaron 39 enfermeras que actuaban en el centro*

*obstétrico de maternidades de la ciudad de Sao Paulo. El 51,2% contestó que realiza partos de vez en cuando, el 46,3% siempre y el 7,7% se manifestó insatisfecho con la profesión. Estos resultados permiten repensar en las condiciones de trabajo y en su formación profesional, con la finalidad de rescatar el parto como un hecho fisiológico y humanizado.*

**Palabras Clave:** Enfermería obstétrica; parto – enfermería, satisfacción en el trabajo.

#### Referências bibliográficas

1. Osava RH. Assistência ao parto no Brasil: o lugar dos não-médicos. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Saúde Pública da USP; 1997.
2. Bonadio IC, Andreoni S, Riesco MLG, Ortiz ACLV. Levantamento do número de enfermeiros obstetras formados nos últimos 20 anos pelas Escolas de Enfermagem do Brasil. Nursing 1999; 2(8)25-9.
3. Riesco MLG. Que parteira é essa? [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999.
4. Tsunehiro MA, Riesco MLG, Bonadio IC. A qualificação formal e as medidas alternativas de capacitação da equipe de enfermagem para a assistência ao nascimento e parto. [anais] Ribeirão Preto; 1998.
5. Tsunehiro MA. A formação da enfermeira obstétrica no Estado de São Paulo. [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1987.
6. Brasil. Lei n. 7498 de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício na enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 junho 1986. Seção 1, p.9273-5.
7. Brasil. Portaria n.2815 de 29 de maio de 1998. Diário Oficial da União, Brasília, 2 junho 1998. Seção 1, p.47-8.
8. Tyrrel MAR. Programas Nacionais de Saúde Materno-Infantil: impacto político e inserção de enfermagem. [tese] Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Ana Nery da UERJ; 1993.
9. Andrade V, Padilha KG, Kimura M. Seguimento dos enfermeiros egressos dos cursos de especialização em enfermagem em cuidados intensivos. Rev Lat Am Enferm 1998; 6(3):23-31.
10. Secaf V, Rodrigues ARF. Enfermeiros que deixaram de exercer a enfermagem: Por que? Rev Lat Am Enferm 1998; 6(2) 5-11.

#### ANEXO 1

Instrumento de coleta de dados

Questionário

nº do questionário: \_\_\_\_

Data do preenchimento: \_\_/\_\_/\_\_

I - Dados de identificação:

Iniciais: \_\_\_\_\_ I d a d e : \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Ano de conclusão do curso de habilitação/ especialização: \_\_\_\_\_

Tempo de formação na especialidade: \_\_\_\_\_

Formação:

( ) enfermeira obstétrica ( ) obstetriz

Curso de pós-graduação:

( ) sim ( ) não

Se a resposta for sim, qual?

( ) especialização ( ) mestrado ( ) doutorado

Tipo de instituição onde trabalha:

( ) pública ( ) privada ( ) filantrópica ( ) outras, Especifique: \_\_\_\_\_

II - Atuação na assistência ao parto:

Tempo de atuação no centro obstétrico:

Qual a sua atuação no centro obstétrico?

( ) burocrático-administrativo ( ) assistencial - pré-parto e trabalho de parto

( ) assistencial - no momento do nascimento ( ) recepção do recém-nascido

( ) realização do parto

Caso realize o parto, em que situação você realiza:

( ) esporadicamente ( ) rotina

Caso o realize esporadicamente, em que situação isso ocorre?

( ) na ausência do médico ( ) no período expulsivo ( emergência)

Caso seja rotina, em que situação o parto não é realizado por você? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Qual a média de partos realizados por você em um mês? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

III-Percepção quanto à profissão

Como você percebe atualmente a enfermeira obstétrica no mercado de trabalho?

\_\_\_\_\_ Você está satisfeita com a profissão?

( ) sim ( ) não

Comente as alternativas: \_\_\_\_\_

**ANEXO 2**

São Paulo, junho de 1999

Prezada Enfermeira,

Estou realizando a pesquisa "Atuação da Enfermagem Obstétrica na Assistência ao parto" com o objetivo de verificar a realidade das enfermeiras obstétricas que atuam na assistência ao parto em maternidades públicas e privadas e analisar a percepção que a enfermeira obstétrica tem de profissão e do profissional.

Solicito a gentileza do preenchimento e devolução deste questionário. Conto com sua sinceridade e garanto o sigilo e anonimato.

Na expectativa do atendimento à minha solicitação, agradeço antecipadamente.

Carla Merighi

Aluna do Curso de Graduação do Centro Universitário São Camilo

**ANEXO 3**

Termo de consentimento para a participação da pesquisa.

Eu \_\_\_\_\_ concordo em participar da pesquisa realizada pela aluna de enfermagem, Carla Merighi, do Centro Universitário São Camilo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora